

INTERFACES ENTRE CULTURA E EDUCAÇÃO NA INFÂNCIA INDÍGENA: UMA PESQUISA COM CRIANÇAS DA ALDEIA CANUANÃ (FORMOSO DO ARAGUAIA - TO)

Autor: Nathalia Cunha Polese – PPGE – UEMG.

Co-autor: Karla Cunha Pádua – PPGE – UEMG.

Eixo temático 5: Pesquisa, Educação, Diversidades e Culturas.

Categoria: Comunicação oral.

Em um exercício de apresentar de forma sucinta o que foi realizado na dissertação de Mestrado na Universidade do Estado de Minas Gerais elucidaremos as principais impressões e resultados da pesquisa intitulada “CRIANÇAS INDÍGENAS DA ALDEIA CANUANÃ (FORMOSO DO ARAGUAIA –TO): relação entre infância, cultura e educação”, que se iniciou como um desafio e se finalizou como um grande presente epistemológico.

Cultura e educação se entrelaçam no universo das crianças indígenas pesquisadas, que apresentaram um olhar específico sobre os acontecimentos diários que envolvem o seu cotidiano. Comunicando por meio de gestos, desenhos e palavras, estas crianças revelaram um modo próprio e diverso de se comunicar uns com os outros, de aprender entre pares, de respeitar os mais velhos (e mais sábios) e de saber o lugar que ocupam na comunidade. Há entre eles, adultos e crianças, um modo próprio e singular de significação e de produção cultural, muito distinto do “ocidental”.

A cultura indígena, conforme destacou Cohn (2009, p.11), pode ser compreendida como “aquilo que é transmitido entre as gerações e aprendido pelos membros da sociedade”. No entanto, o processo de socialização das crianças não é aqui pensado como nas teorias clássicas, nas quais as crianças são vistas como receptáculos passivos de papéis funcionais. Ao contrário, as crianças são vistas aqui como tendo parte ativa na consolidação e definição de seu lugar na sociedade.

Pautados no olhar sobre a infância e a socialização, construído a partir dos anos 90, percebemos que a criança é vista como um ator social, um sujeito que cria e recria situações, que dá significados à sua vivência e ao contexto conforme realmente é observado, sentido e experimentado. Daí a importância de ouvir sua voz nas pesquisas e de valorizar a sua produção

cultural, a sua visão de mundo e a forma que organiza, orienta e nomeia os acontecimentos do seu cotidiano, ou seja, a forma como percebe esta infância na qual se insere.

A pesquisa com o universo infantil – aldeia Canuanã

O mundo da criança indígena só mais recentemente tem despertado a atenção dos pesquisadores. Ao sintetizar algumas conclusões de etnografias que abordam essa temática, Tassinari (2007) destaca a autonomia delegada ao mundo da criança indígena e o seu poder de escolha e de decisão, que pode inclusive interferir e afetar a vida dos adultos – seus pais, familiares ou a comunidade. A autora apresenta um estudo sobre a noção que o povo Guarani tem da infância. Diferentemente da visão ocidental da criança como um “ser em formação”, para esta etnia a criança é respeitada e a sua autonomia é reconhecida. A criança é vista como um ser de fato, e portador de um “espírito, que deve ser cativado na terra” (p.14).

Este tipo de estudos e abordagens etnográficas da infância possibilita realizar uma pesquisa em parceria com os infantes, onde eles serão o objeto de estudo e ao mesmo tempo também pesquisadores, pois estarão nos dando sinais de como eles veem e vivenciam o universo em que estão inseridos. Dessa forma, o pesquisador procura na criança e na cumplicidade com ela, compreender o seu ponto de vista por meio do olhar, do falar, dos gestos e até mesmo do silêncio.

Esta perspectiva encontra-se em consonância com as novas abordagens da infância que percebem a criança como uma fase fundamental da constituição deste sujeito e como um ator social, como um agente do processo do seu próprio conhecimento. A criança indígena aprende e dá significações para o universo em que vive, a partir da convivência e respeito pelos mais velhos – pois encontram neles o verdadeiro alicerce para novas aprendizagens – e junto com os seus pares reconstituem a visão para esta fase da vida em que está inserida.

Para adentrar nas particularidades deste universo infantil, a intenção é *dar voz* às crianças indígenas da aldeia Canuanã e *escutar* o que elas têm a dizer sobre o seu contexto social e cultural, perceber as significações relevantes e os modos próprios de compreender os acontecimentos do mundo que as rodeia. “Olhando, ouvindo e escrevendo” tentaremos compreender as especificidades do universo infantil indígena, utilizando uma abordagem qualitativa através da etnografia, adaptada à educação (OLIVEIRA, 2000).

Nesta abordagem, fomos amparadas pela Antropologia, utilizando técnicas tradicionalmente usadas na etnografia, como a aproximação com a comunidade e a observação participante. Com a autorização das lideranças comunitárias e dos familiares, a aproximação com as crianças se deu por meio de técnicas lúdicas, tais como desenhos, passeios, histórias, oficinas, etc.

Com este novo olhar e nos apropriando destes conceitos, temos a clareza de que a criança passa a ser vista como tendo saberes particulares sobre o mundo, desempenhando um papel na criação do mundo social em que vive e na própria cultura da infância, com poder de criar e recriar o que lhe é transmitido pelas gerações adultas. Esse deslocamento de olhar do “adultocentrismo” para a criança, segundo Cohn (2009), levou ao interesse pela vida das crianças no presente e na sua relação com os adultos e com os seus pares, aproximando o pesquisador das temáticas voltadas para os interesses infantis.

O mundo infantil é rodeado de trocas, brincadeiras e relações das crianças entre si e entre pares. Quando as crianças interagem, através do lúdico deixando o curso da imaginação livre, representam papéis, e demonstram o que percebem da sua própria cultura. É através da brincadeira, e desse mundo próprio dos infantes, que desenvolvem o que Corsaro (2005) chamou de *reprodução interpretativa*, processo no qual não apenas internalizam as influências recebidas do mundo adulto, mas também produzem suas próprias sínteses e expressões, em um processo de apropriação criativa. Por meio das diferentes experiências que vivenciam na interação com outras crianças ou com os adultos, elas interpretam e desenvolvem artifícios próprios para resolução de problemas.

Malinowski (1984) elenca alguns princípios da metodologia da pesquisa etnográfica, que podem ser assim agrupados: em primeiro lugar, o pesquisador deve possuir objetivos científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna; em segundo, o pesquisador deve conviver com os nativos, sem precisar da ajuda dos brancos e, em terceiro, ele deve aplicar métodos especiais da coleta, manipulação e registro de evidência.

Para melhorar a comunicação do pesquisador adulto com a criança, uma ferramenta útil, segundo Rocha (2005), é incluir a criança nas decisões dos procedimentos metodológicos, conhecer o que elas gostam de fazer, para poderem assim demonstrar com mais naturalidade o que de fato acontece no seu cotidiano.

Nesta perspectiva, técnicas como análises de desenhos e observação participante, normalmente usadas na Psicologia e na Antropologia e preferidas nas pesquisas com crianças, possibilitam a ampliação de ferramentas para perceber e entender o mundo infantil, bem como distingui-lo do mundo adulto, percebendo semelhanças e diferenças.

Em um dos trabalhos de campo realizado com as crianças indígenas da aldeia Canuanã e com intuito de me aproximar mais ainda deste universo, perceber quais eram os temas que mais se destacavam na vida delas, questionei as crianças que material eles gostariam de utilizar para a produção de desenhos. Na oportunidade, já havia estado na aldeia, realizado andanças e brincadeiras com os pequenos, e a aproximação com os pequenos já tinha sido realizada, por esta razão as crianças já estavam mais a vontade para expressar quais seriam suas preferências.

De maneira bastante participativa, a escolha unânime foi da tinta guache (seria a primeira produção com tinta guache, pois até então havíamos feito desenhos com giz de cera e lápis de cor). Fiquei receosa, pois através da minha práxis como professora, sei que o trabalho lúdico com este material requer cuidados e combinados a serem seguidos, e como o nosso grupo é constituído por diferentes faixas etárias o trabalho poderia ser prejudicado, mas felizmente me enganei.

Orientei que eles desenhassem o que quisessem e assim foi feito. A produção foi realizada no pátio da escola e o silêncio reinava e a organização também. As crianças não apresentam problemas em cumprir acordos e estavam encantadas por poder manusear a tinta e o pincel sem um tema específico. Meu objetivo era perceber os principais temas trazidos pelas crianças, e sem imposição, isso foi alcançado. O rio, a mitologia e a educação bilíngüe e intercultural foram os temas que mais se destacaram, transformando-se nas principais categorias de análise da pesquisa. Dessa maneira lúdica e orientada por uma postura epistemológica e conhecimentos teóricos, pude elencar as categorias centrais do meu trabalho. Importa ressaltar que, para isto, concorreu um olhar criterioso que buscou seguir as pistas das próprias crianças para poder então perceber os temas que realmente se sobressaíam naquele universo infantil indígena.

Seguindo estes pressupostos metodológicos, olhando, ouvindo, observando ativamente, deixando que a criança explorasse o mundo ao seu redor, através de atividades lúdicas e produções artísticas, como o desenho, o pesquisador deve tentar traduzir tudo o que viu e ouviu em textos que darão origem ao produto final da pesquisa.

Os atores/sujeitos da pesquisa

O grupo de crianças que me acompanhou durante o trabalho de campo foi criado através da empatia e ocorreu de maneira espontânea. Este grupo se formou desde a minha primeira visita, e sempre que visitava a aldeia eram os mesmos que me acolhiam, mostravam os espaços que mais gostavam, apresentavam os líderes comunitários e seus familiares, enfim, o seu cotidiano. Estas crianças permaneceram ao meu lado, me ensinando sobre como é viver a infância naquela realidade e me ajudando a construir o presente estudo. Os resultados apresentados no decorrer do estudo resultaram desse diálogo da pesquisadora com estas crianças, durante o trabalho de campo.

Pude perceber de forma curiosa que os nomes das crianças na aldeia Canuanã são escolhidos através das experiências individuais e coletivas do grupo e, em virtude do contato com o branco e a relação com o poder estatal. A nomenclatura indígena sofreu modificações, aparecendo à necessidade de receber um nome na língua do “conquistador” (BORGES, 2002).

Na pesquisa de campo encontrei essa dualidade. As crianças apresentam o nome em português, mas mantêm o nome indígena que, como salienta o autor, é o “*nome verdadeiro, em segredo*”. Após ter contato mais direto e confiança na pesquisadora, revelavam o nome usado na comunidade indígena.

Nossos achados: categorias emergentes e orientadoras da pesquisa

Neste contato, como já apresentei acima, encontramos 3 categorias que emergiram no presente estudo, e que de certa forma organizaram e estruturaram a nossa pesquisa. O Rio Araguaia, as mitologias e a educação bilíngue e intercultural.

O rio Araguaia revelou-se como o maior tesouro da aldeia indígena Canuanã. Este parece ter moldado a cultura e o universo de símbolos dessa comunidade Javaé, embalada pelas suas enchentes e vazantes, delimitando “as atividades do trabalho, o cotidiano e certamente as representações sobre o mundo de sua população” (SETTON, 2009, p. 388). Ele é o elo entre a aldeia, a cidade e outras comunidades indígenas que também estão às margens do rio e aparece nos mitos como responsável pela “criação da aldeia e dos próprios indígenas”. Como este elo entre mundo real e mundo cosmológico que fundou e continua transformando a aldeia Canuanã e com o mundo de fora da aldeia, o Araguaia destacou-se como elemento central trazido pelas

crianças. Em suas falas e nos desenhos revelava-se uma admiração por tudo que ele representa para esta comunidade e, por esta razão, foi uma das primeiras categorias encontradas para a análise.

O rio é referência central da mitologia, que orienta a relação das crianças e dos adultos com a ordem dos ancestrais e o mundo cosmológico, instituindo práticas e organizando a vida comunitária, tal como a brincadeira Aruanã, um ritual que envolve a todos em um movimento de valorização da cultura indígena.

A infância indígena é construída por referência a esta cultura vivenciada na comunidade, à participação nos rituais e seguindo os “mandamentos” do mundo cosmológico, que determinam o que as crianças podem ou não fazer na vida cotidiana. Este universo é fundamental na constituição de que é ser uma criança indígena – da aldeia Canuanã.

A presença na vida da aldeia de professores não indígenas e de homens ou mulheres não indígenas que se casam com indígenas nos ajuda a entender o desejo das crianças de transitarem entre esses dois mundos. Tal como as mulheres Tupinambá, estudadas por Viegas (2008), as crianças da aldeia Canuanã parecem reivindicar um papel de “mediadoras culturais”, e para isso precisam dominar a língua e os conhecimentos dos brancos. Mas não para tornarem-se um deles, ao contrário, para utilizar tais conhecimentos para melhorar a vida da comunidade e reverter as assimetrias históricas que os colocaram em um lugar subalterno num mundo dominado pelos brancos, como destacou Lasmar (2009).

Desejar dominar os conhecimentos dos brancos, nesta perspectiva, não significa a desvalorização dos seus costumes, do seu mundo, da sua etnia, de suas crenças e costumes. As informações advindas de “fora” introduzem novos elementos na formação destes sujeitos, que se constituem neste meio intercultural. Não sem instaurar algumas tensões e contradições.

Neste ponto, é oportuno entender o motivo da educação indígena dentro da aldeia ser bilíngue. Conforme legislação e Constituição de 1988, a educação indígena deve ser intercultural e bilíngue; valorizar a cultura indígena e traçar objetivos que contemplem estas normas. A língua materna é o Inã, e percebi isto de forma muito clara: a criança fala a língua do seu povo e aprende (ou tenta aprender) a língua do branco, inclusive na escola, para poder melhor se situar neste contexto intercultural. A relação com a tecnologia, as construções em alvenaria, a intervenção do próprio Estado na área da saúde e da educação, indicam a necessidade do

indígena se preparar para entender a cultura do outro, e para tal, precisa aprender o português. Também acho importante salientar, que estas afirmações valem para a comunidade estudada e não podem se generalizar. Na aldeia Canuanã, as crianças parecem indicar que é possível valorizar a cultura branca, sem negar o valor de sua própria cultura.

A escola indígena, mesmo tendo como concorrente a escola da Fundação Bradesco, que é objeto de desejo das crianças indígenas, parece caminhar no sentido de valorização da cultura local e de dar suporte às necessidades das crianças, mas ainda enfrenta dificuldades para se consolidar nesta direção.

No trabalho de campo, pude vivenciar através das afirmações das crianças, momentos em que a escola da aldeia era percebida como este espaço formador; um local para todos da comunidade. Mesmo com tantas dificuldades estruturais, curriculares e de quadros profissionais indígenas qualificados, a escola da aldeia Canuanã parece se preparar aos poucos para enfrentar os desafios colocados por educação diferenciada, como aponta a integração de um novo diretor, recém formado em curso específico e em nível superior para educadores indígenas. Esperamos que esta nova geração de educadores indígenas, possa imprimir novas marcas à educação escolar na aldeia Canuanã, reconhecendo a importância da educação para a sua comunidade, equilibrando valorização das tradições e domínio de ferramentas interculturais.

Weber (2006, p.218) percebe a escola indígena como um espaço “multi-funcional centralizador da vida coletiva, que vem preenchendo esse espaço nos dias atuais, nos quais a tendência à dispersão, (...) tem sido cada vez mais premente”. No entanto, a autora reconhece que “a escola kaxi é fruto dos processos de interação do modo de ser Kaxinawá com a “sociedade envolvente”, aí incluindo seus vários personagens” (p.214). Para se tornar esta centralidade na vida de uma comunidade, impondo um papel de rememorar a cultura, de “fazer valer” o que foi aprendido com os mais velhos, nos momentos de rituais, nas danças e no cotidiano, aconteceu todo um processo de formação e de trocas com vários interlocutores.

Esperamos que isto venha a acontecer também na aldeia Canuanã, para que a comunidade se fortaleça por meio da (re)valorização da própria cultura, nesse momento de encurtamento das distâncias entre mundos e esgarçamento das fronteiras. As crianças da aldeia parecem reivindicar da escola indígena um papel mais ativo nesse processo, ajudando-as a se situarem melhor neste mundo intercultural em que vivem. Assim, chegamos às formulações iniciais deste

trabalho, que afirmava que cultura, infância e educação estão entrelaçadas no cotidiano das crianças indígenas.

Pensada sob o olhar da própria criança indígena, a infância é um complexo e envolvente “quebra-cabeça” de conceitos e vivências, que se constrói em meio às lutas e às histórias do seu universo social e cultural, expressando os dilemas, tensões e ambiguidades de cada momento histórico e em constante devir.

Referências Bibliográficas

BORGES, Paulo Humberto Porto. SONHOS E NOMES: AS CRIANÇAS GUARANI. *Cadernos CEDES*, Campinas, v.22, n.56, p. 53-62, Abr. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000100004>. Acesso em: 10 de jan. 2014.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. 58 p.

CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/ Ago. 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a08v2691>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

MALINOWSKI, Bronislaw. Tema, método e objetivo desta pesquisa. In: _____. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura de nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. cap. 1, p. 17-37.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Olhar, ouvir e escrever. In: _____. *O trabalho do Antropólogo*. 2. ed. Brasília: Paralelo 15/ UNESP, 2000. cap. 2, p.17-35.

SAHLINS, Marshall. O ‘pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um ‘objeto’ em vias de extinção (Parte I). *Mana*, v. 3, n.1, p. 41-73, 1997.

_____. O ‘pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um ‘objeto’ em vias de extinção (Parte II). *Mana*, v. 3, n. 2, p. 103-150, 1997.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A socialização escolar entre jovens da Amazônia brasileira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 90, n. 225, p. 385-410, maio/ago. 2009.

TASSINARI, Antonella. Concepções indígenas de infância no Brasil. *Tellus*, Campo Grande, ano 7, n.13, p.11-25, 2007. Disponível em: <ftp://neppi.ucdb.br/pub/tellus/tellus13/1_Antonella.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2012.

VIEGAS, Susana de Matos. Mulheres transitivas: hegemonias de género em processos de mudança entre os Tupinambá de Olivença (Brasil), em Manuel Villaverde Cabral, Karin Wall, Sofia Aboim e Filipe Carreira da Silva (Orgs.), *Itinerários. A Investigação nos 25 Anos do ICS*. Lisboa, 2008, Imprensa das Ciências Sociais. Disponível em:<<http://www.ics.ul.pt/rdonwebdocs/Susana%20de%20Matos%20Viegas%20>

[%20Publica%C3%A7%C3%B5es%202008%20n%C2%BA1.pdf](#)>. Acesso em: 10 de jan. de 2014.

WEBER, Ingrid. *Um copo de cultura: os Huni Kuin (Kaxinawá) do Rio Humaitá e a escola*. Rio Branco: EDUFAC, 2006.